

Sim ou Não à Clonagem

O que me parece mais interessante nesta questão são as dificuldades que temos sentido para enquadrar processos que estão a evoluir a uma velocidade vertiginosa e são percebidos como assustadores por grande parte da sociedade. O desenvolvimento tecnológico saiu-nos muito melhor que as encomendas e passou a ameaçar a tranquilidade da nossa existência. Isto é verdade tanto para a clonagem terapêutica como para a clonagem reprodutiva, embora a segunda haja adquirido um destaque especial com as notícias “da” seita¹.

Avançarei, desde já, que penso não haver lugar para a dicotomia permissão/proibição: quer queiramos, quer não, vai haver clonagem humana para fins reprodutivos, se é que não existe já nesta altura. Correndo o risco de parecer excessivamente pragmático proporia, em alternativa, que se equacionasse a questão em termos de finalidade e de custo-benefício para a espécie humana, fugindo a dogmas e esquecendo as limitações técnicas que virão a ser resolvidas mais cedo ou mais tarde.

1. Trata-se da seita raelista, seguidora de Rael que diz ter sido raptado por extraterrestres em 1973 e deles ter recebido indicações de que toda a vida na terra (inclusive, portanto, a humana) foi criada em laboratório por estes, denominados *Elohim*. A Clonaid, uma empresa criada e dirigida por uma seguidora de Rael, afirmou em 27 de Dezembro de 2002 ter clonado o primeiro ser humano: *Eva*. Foram solicitadas, tanto pelos tribunais americanos como pelos cientistas, provas dessa clonagem, coisa que nunca veio a ser entregue pela Clonaid, estando portanto longe de estar provado que isso verdadeiramente aconteceu.

A clonagem reprodutiva tem como objetivo fazer uma pessoa enquanto a clonagem terapêutica persegue a obtenção de células estaminais embrionárias. (Neste sentido se poderá dizer, aliás, que a designação clonagem é infeliz já que não leva à formação de um clone humano.) Ambas passam pela criação de vida, que no primeiro caso se procura levar, através de uma gravidez, à formação de um ser igual a nós, e, no segundo, se interrompe logo que o embrião pode fornecer as células estaminais.

O verbo interromper utiliza-se no contexto da clonagem terapêutica para evitar a crueza do verbo “matar”. Nesta perspectiva, a clonagem terapêutica poderia ser considerada pior que a clonagem reprodutiva já que instrumentalizaria de forma inaceitável a vida humana ao propor-se criar embriões com fins utilitários. Respeito quem pensa assim mas, para mim, os benefícios que podem resultar (e estão já a resultar...) para a humanidade da clonagem terapêutica justificam a sua utilização em medicina. Do mesmo modo penso que se poderão utilizar embriões excedentários de técnicas de fertilização *in vitro* como dadores de células estaminais, desde que os respectivos pais dêem o seu consentimento.

Sem pretender com esta opção eximir-me às críticas que a minha posição poderá suscitar percebo a vantagem, defendida sobretudo por cientistas anglo-saxónicos, em substituir a designação “clonagem terapêutica” por “transferência nuclear”. Seja qual for o nome que venha a ser adoptado parece-me fundamental regulamentar esta prática a nível internacional tendo o bem do homem e da humanidade como finalidade “major”. Tal regulamentação poderá ser revista se a eficiência do recurso às células estaminais adultas – células estaminais retiráveis de tecidos e órgãos adultos, não implicando a transferência nuclear para a formação de um embrião humano – atingir um nível semelhante ao da clonagem terapêutica.

Com a mesma tranquilidade com que advogo a utilização da clonagem terapêutica afirmo a minha relutância em admitir qualquer tipo de clonagem reprodutiva. Se já era contra quando o problema se punha na tentativa de “substituição” de um filho moribundo ou no da “resolução”

da esterilidade de um casal, sou-o muito mais hoje, perante a perspectiva aterrorizadora de uma qualquer seita passar a clonar elementos do seu próprio grupo.

Considero, assim, inaceitável e ilegítimo recorrer à clonagem reprodutiva seja qual for o motivo invocado. Não pelas limitações de ordem técnica que, valha a verdade, me afligem imenso. Nem tão-pouco por causa do problema da identidade. O homem é, felizmente, muito mais do que o produto dos seus genes; é um ser eminentemente cultural moldado pela epigénese ou, se se preferir, pela interacção ecogenética.

Sou contra a clonagem reprodutiva por um conjunto de razões da esfera afectiva que vão desde a revolta contra o egoísmo de quem não considera a adopção de uma criança abandonada como a forma mais bonita de resolver a perda, ou a falta, de um filho “natural”, até ao medo de não saber o que nos vai acontecer se interferirmos deterministicamente na nossa imprevisível história biológica. Não faz sentido, para mim, que uma espécie sexuada que tem a possibilidade de ter filhos que resultam da individualidade única da união de um óvulo e de um espermatozóide abdique dessa riqueza para se passar a propagar como bactérias.

GENE, CÉLULA, CIÊNCIA, HOMEM / MANUEL SOBRINHO SIMÕES ; REV. MÁRIO AZEVEDO

AUTOR(ES): Simões, Manuel Sobrinho, 1947-; Azevedo, Mário, revisor

PUBLICAÇÃO: Lisboa : Babel., cop. 2010

DESCR. FÍSICA: 187, [5] p. ; 22 cm

ISBN: 978-972-22-2984-5